

ECOS

da Academia de Saberes



Academia de Saberes de Aveiro

Praça da República – Casa Municipal da Cultura, 1º andar – 3810-156 Aveiro

Telefone 234108360; Telemóvel 963420530

Ano V - Nº 3 Junho 2011

Nesta Edição

Em Foco

- **O Afecto – Alimento da Vida**
- **Escrita Criativa**
- **Homenagem a Rosinda de Oliveira**





Ficha Técnica

Ecos da Academia de Saberes
Academia de Saberes de Aveiro

Coordenação e Redacção

Área de Comunicação

Informatização e Paginação

António Coutinho Dias e Maria Cacilda Marado

Colaboradores desta edição

Alcino Cartaxo
Amorim Figueiredo
Armor Pires Mota
Conceição Neiva
Domingos Cardoso
Elizabeth Azevedo
Ermelinda Damas
Eugénia Reis
Graciete Manangão
Isabel Maria Almeida
José Carreto Lages
José Manuel Cachim
Licínio Amador
Lindonor Silveirinha
Manuela Frade
Maria Cacilda Marado
Maria Celeste Salgueiro
Maria Esmeralda Assunção
Maria Helena Fidalgo
Maria José Valente

Editorial

1 - Terminou mais um ano editorial do *Ecos da Academia de Saberes*. As razões que presidiram à sua nascença prevaleceram ao longo destes cinco anos: apresentação da nossa Academia aos inscritos e à comunidade em geral, aplicação dos conceitos abordados na área de Comunicação, oportunidade de produção e de publicação de textos, desafio à criação estética, neste caso, a arte da palavra pela palavra; em suma: oportunidade de Desenvolvimento Pessoal, que o mesmo é dizer, de um crescimento em espiral que vence as barreiras da idade e da saída do mundo do trabalho.

Algumas foram também as dificuldades que nos foram surgindo pelo caminho, como é natural em qualquer percurso. Vencê-las foi a atitude que foi

norteando este serviço a nós próprios e a todos os que o quiseram aceitar. Obrigada aos que tornaram possível este projecto.

2 - A Direcção da Academia vai sofrer alterações. Vamos ter eleições. Aos que dela tendo feito parte, durante estes dois anos, deram o melhor de si, e com afínco, o nosso reconhecimento. À nova Direcção que se avizinha, votos de que o seu desempenho seja profícuo.

3 - O nosso jornal vai entrar de férias. E como *o coração tem razões que a razão desconhece*, talvez a *área de Comunicação* continue a encontrar razões para, no próximo ano, integrar o jornal nas suas actividades curriculares.

Maria Cacilda Marado

Notícias da Academia

Inglês 0

Mais um ano lectivo que chegou ao fim e é hora de avaliar. A professora e os alunos. É que esta turma de Inglês levou muito a sério o seu trabalho de aprender, reaprender e recordar. Mesmo muito a sério. Daí que os resultados são bem visíveis desde o início da aula quando o *May I come in* serve de intróito, ou, na devida altura, o *Bless you* se atira com doçura ao autor do espirro... Um consolo de aquisições que dão brilho aos alunos e à professora (Maria Helena) que tanto se esmera no seu múnus de ensinar meninos crescidos a aprender. Estratégias diversificadas, concretizações em catadupa, materiais inovadores irrompem da pasta da nossa *teacher* para consubstanciarem o dito, o escrito, o repetido com afínco por alunos tão dóceis e responsáveis. Mas não se fica por aqui esta turma de Inglês. Há também o canto, sim, a voz maviosa destes alunos especiais que fazem requebros ao acompanhar, entoando, as letras das canções com que a nossa professora nos presenteia; lembramos, a propósito, o denodo com que foi cantada a canção *DISCO* e outras que não referimos, pois têm letras mais arrevesadas e, francamente, aqui não queremos prestar provas, mas, sim, à nossa querida professora.

Área de Inglês 0





Caminhos da Filosofia

Iniciámos o percurso filosófico, em Outubro de 2008, desenvolvendo um programa de "temas" relacionados com os espaços que habitamos no quotidiano (o social/sociedades, o histórico, o político, o religioso, a violência, o feminismo, a igualdade/desigualdade, a prisão, o cuidado de si, o existencialismo, o niilismo, a vida, a morte, o prazer, o eu, a auto-estima, a ética, a identidade pessoal/social/cultural, os valores, o corpo, o sentido da vida, o suicídio, a pobreza, as crises existenciais, o apocalipse, o Natal, etc.), mas que nem sempre saudamos com o sorriso a manifestar felicidade. O programa é uma construção colectiva. O grupo que ocupa a sala tem liberdade para sugerir outros temas e outras ideias. Para que os caminhos que seleccionámos disponibilizassem espaços de reflexão, lançámos a pedagogia da "conversa". São as aulas que surgem da nossa realidade quotidiana, do mundo que acompanhamos, do discurso, do ser-no-mundo, do modo como sentimos a vida, das interrogações. Todos nós escrevemos o percurso que o nosso pensamento foi construindo com a palavra.

A Filosofia serve para nos alimentar a esperança de um Mundo mais sorridente e mais dialogante e assume o papel de "porta-voz" dos silêncios e dos silenciados. Na actualidade, somos uma mundialidade subjectivada, ou seja, um Mundo fragmentado. Estamos na "era da incerteza", nas palavras de Charles Andy, mas não condenados à descrença e ao sentimento da incapacidade. O ser humano é capaz de encontrar as saídas oportunas e adequadas. A Filosofia ou as Filosofias pertencem ao conjunto dos saberes que olham a realidade de uma forma universal. Isto deve-se, sabemo-lo bem, ao facto de a realidade, sobre que estes saberes trabalham, ser um produto das práticas históricas do ser humano. Daqui, decorre a essencial pluralidade de perspetivas e de mundividências de que a história se faz eco, na construção de futuros e na organização de vias de acesso a outros mundos mais humanizados e mais dignos do ser humano. Num tempo em que o imediatismo e o instantâneo, em que a noção de tempo se perdeu no espectáculo dos acontecimentos mostrados no momento, em que a tirania do tempo presente nos esconde as janelas para o passado e para o futuro, o papel da Filosofia não pode limitar-se a uma mera constatação.

Marcas do tempo, de um tempo subordinado a uma tecnologização acelerada do quotidiano humano.

Ela veio, de alguma forma, emancipar o ser humano da sua subjugação às circunstâncias da natureza. No entanto, a obsessão pelo cronómetro e a tirania do imediato e do instantâneo deixam escassas alternativas para outras profundidades de pensamento e para outras ocupações do quotidiano. Hoje, estamos mergulhados numa espécie de orfandade do tempo, não obstante a nossa obsessão por ele, somos invadidos e submergidos pelos problemas da gestão do tempo. Urge pensar na velocidade louca dos nossos dias. É por aqui que poderá avolumar-se a "arena" dos excluídos de toda a espécie.

Neste nosso tempo, em que a cultura, o saber e as emoções se transformaram numa mercadoria, num tempo marcado por um individualismo egoísta, a presença da Filosofia poderá constituir uma oportunidade para reflexões e para a construção de consciências eventualmente disponíveis para ensaios de reflexão, de interpretação e de acção. Não falamos de soluções milagrosas, mas tão só de formações e de cidadãos mais atentos à realidade que passa por aqui, cidadãos que reservem um lugar para os questionamentos e as problematizações sugeridas pelos acontecimentos. Ela poderá revelar-se benéfica para a sociedade humana, sobretudo na nossa civilização técnica, em que o indivíduo se encontra, sem defesas, à mercê das forças económicas e sociais. De passagem, diga-se que não se trata, necessariamente, de uma catástrofe de sentido. Não se trata do grau zero dos valores...

Factores múltiplos, por circunstâncias multiformes, mas também é verdade que o ser humano é dotado de capacidades suficientes para decidir e escolher, para optar e comprometer-se com o seu mundo. O lugar da Filosofia, na construção de futuros e na organização de vias de acesso a outros mundos mais humanizados e mais dignos do ser humano, é, hoje, um activo na contabilidade deste universo. Na verdade, o papel da Filosofia não pode limitar-se a uma mera agenda de discursos e de reflexões. Os dados trazidos à superfície são outros tantos convites à transformação de mentalidades e de outras realidades, de outros universos, de outros espaços, de outros diálogos e de outros olhares. Este território pronuncia, ou deve pronunciar, o discurso dos subúrbios, dos subterrâneos, deve fazer falar os sem voz, deve dar lugar aos silêncios. À Filosofia cabe, por um lado, a leitura e a interpretação do papel exibido pelos queixosos, dominados e excluídos de toda a ordem, por outro, assumir o lugar de porta-voz do universo dos silenciados, na procura da sua dignidade e da sua identidade pessoal, social e cultural.





Um conjunto de dados que nos obriga a questionamentos críticos sobre a natureza moral da sociedade que habitamos. E estas interrogações carecem de respostas. O filósofo alemão Horkheimer dizia que "a razão não pode ser transparente para consigo mesma enquanto os homens agirem como membros de um organismo irracional". Por isso, a luta por objectivos emancipatórios deve preencher a nossa agenda.

Somos cidadãos de um mundo onde o humano e o natural precisam, cada vez mais e urgentemente, de restabelecer o diálogo rompido há muitos anos. Estamos certos de que este universo de saberes não deixará de estar atento à viagem no tempo de todo este mundo que os nossos olhos observam e com o qual conversam no dia-a-dia. Não se trata, de forma nenhuma, de uma reificação deste continente curricular, até porque, neste particular, nenhum saber instituído poderá ignorar os apelos do quotidiano, porque não estamos reféns de um determinismo estrito e absoluto, como se nos tomássemos prisioneiros das armadilhas do tempo e dos contextos sociais, políticos, culturais, ideológicos, económicos. É verdade que somos condicionados, interna e externamente, por factores múltiplos, por circunstâncias multiformes, mas também é verdade que o ser humano é dotado de capacidades suficientes para decidir e escolher, para optar e comprometer-se com o seu mundo.

A imensidade de problemas que, hoje, nos coloca a cultura contemporânea, onde a sociedade do espectáculo faz do ser humano a vedeta principal, onde a banalização dos afectos e da intimidade se anuncia como produto mercantilizável, apela, apela-nos para um trabalho colectivo, cada vez mais colectivo, onde os saberes, não abdicando das suas fronteiras, estabeleçam relações de boa vizinhança. O retomo à nossa casa comum está na ordem do dia.

José Saramago encerra esta reflexão com uma mensagem:

"Acho que na sociedade actual nos falta filosofia, Filosofia como espaço, lugar, método de reflexão, que pode não ter um objetivo determinado, como a ciência, que avança para satisfazer objetivos. Falta-nos reflexão, pensar, precisamos do trabalho de pensar, e parece-me que, sem ideias, não vamos a parte nenhuma."

José Saramago, Revista do Expresso, Portugal (entrevista), 11 de Outubro de 2008

Alcino Cartaxo

Conversas

No passado dia 31 de Março, realizou-se, nesta Academia, a 2ª sessão de "Conversas".

Estas conversas resultam da necessidade sentida por alguns academistas de terem um espaço quase íntimo para a troca livre mas organizada de ideias e vivências, à volta de um tema proposto pelos interessados em comunicar, interagindo.

Assim, nesse dia, foi abordado o tema da "Felicidade". Cada um dos presentes expressou a sua opinião sobre as seguintes questões básicas:

- *O que é a felicidade?*
- *O que é preciso para se ser feliz?*

Para além da reflexão em conjunto e resposta individual a estas questões, foram feitos comentários muito interessantes e sempre enriquecedores para todos.

Verificou-se que as opiniões acabaram por convergir em vários aspectos.

A título de exemplo, e de forma sucinta, apresentam-se algumas dessas opiniões e comentários mais relevantes, sobre o tema em questão:

."Para mim, a felicidade é estar bem com os que me rodeiam e vê-los bem."

."A felicidade total não existe. Há apenas momentos felizes."

."A felicidade tem a ver com o ser e não com o ter."

."A felicidade é gostar daquilo que fazemos."

."Felicidade significa ausência de graves situações de fome, doença, dor, medo e abandono."

."Estar feliz é sentir-me bem e sentir que os outros estão bem."

."Ser feliz implica conhecimento e aceitação de si mesmo."

."O que dá felicidade são coisas simples (natureza e família)."

Por fim, fez-se o confronto com célebres definições e citações de escritores, matemáticos e filósofos. Foi muito interessante, pois muito daquilo que pensávamos coincidia com o que aquelas ilustres personalidades nos transmitiram.



*Gm, Ermelinda, Eugénia,
Lindonor*





Citações sobre a Felicidade

.Tales de Mileto, filósofo e matemático grego (640-548 a.C.):

“A felicidade do corpo consiste na saúde e a do espírito, na sabedoria.”

. Aristóteles, filósofo grego (384-322 a.C.):

“A felicidade consiste em fazer o bem.”

“Bastar-se a si mesmo é também uma forma de felicidade.”

“A felicidade é ao mesmo tempo a melhor, a mais nobre e prazenteira de todas as coisas.”

. Séneca, filósofo estoíco romano (4 a.C.-65 d.C.):

“A felicidade que não se modera, destrói-se a si mesma.”

. Epicteto, filósofo estoíco da Frígia (n. séc.I d.C.):

“A felicidade não consiste em adquirir e gozar, mas sim em não desejar nada, pois ser feliz é ser livre.”

. Juvenal, poeta satírico latino (60-140 d.C.):

“A sabedoria é o segredo da felicidade.”

. Cícero, orador e escritor romano (106-43 a.C.):

“A vida feliz consiste na tranquilidade da mente.”

. Galeno, médico grego (131-201 d.C.):

“O trabalho é o médico da Natureza e é essencial à felicidade humana.”

. B.Pascal, matemático, físico e filósofo francês (1623-1662):

“Todos os homens buscam a felicidade ... Independentemente dos diversos meios que empregam, o fim é o mesmo.”

“O prazer dos grandes homens consiste em poder tornar os outros felizes.”

. Voltaire, poeta, prosador e filósofo francês (1694-1778):

“Um instante de felicidade vale mais que mil anos de felicidade.”

. A. Comte, matemático e filósofo francês (1798-1857):

“Viver para os demais é não só uma lei do dever, como também a lei da felicidade.”

. John Locke, filósofo inglês, 1632-1704):

“Os homens esquecem-se sempre que a felicidade humana é uma disposição da mente e não uma condição das circunstâncias.”

. Kant, filósofo alemão (1724-1804):

“A felicidade não é um ideal da razão, mas sim da imaginação.”

. Friedrich Nietzsche, filósofo alemão (1844-1900):

“Uma era de felicidade simplesmente não é possível, porque as pessoas querem apenas desejá-la, mas não possui-la...”

“O destino do homem está projectado para momentos felizes...”

. H. Rohden, filósofo, educador e teólogo brasileiro (1893-1981):

“Ser feliz é estar em perfeita harmonia com a constituição do Universo.

A felicidade é a suprema auto-realização do ser.”

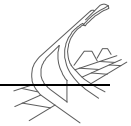
GM

Visita a Mafra

Foi no dia 19 de Maio, pp, que, sob a orientação da professora Maria de Lurdes, e enquadrada no Clube Europa, a viagem a Mafra levou alguns formandos e formadores da nossa Academia ao Convento de Mafra. Uma vez mais, dirão. Mas, se por um lado isso é um facto, desta vez a viagem assumiu um cariz muito particular desde o início até ao regresso, final do dia já. E passo a explicar: a viagem, pode-se dizer, foi um peregrinar duplo, pois os trilhos por onde passámos foram consubstanciados pelas palavras de Saramago que se fizeram presentes, na voz dos leitores que foram lendo ou relendo, digo eu, excertos do livro *Viagem a Portugal*. Muitas foram as vozes que trouxeram a nós as palavras do texto como que a provarem que ele precisa da mais valia do leitor, pois se não for lido é uma pedra morta. As palavras da guia, na visita ao convento, e a troca de impressões com o carrilhoneiro foram a pedra-de-toque para revivermos o percurso de quantos, no *Memorial do Convento* de Saramago, foram protagonistas da *história* do Convento de Mafra.

Maria Cacilda Marado





Viagem à Alemanha



Organizada pela direcção desta Academia, realizou-se uma viagem a três históricas cidades da Alemanha: Berlim, Dresden e Potsdam.

A viagem decorreu entre 28 de Abril e 2 de Maio, sem incidentes de maior. Tivemos sempre bom tempo, o que é óptimo para passeios e visitas, e tudo decorreu como o planeado.

No primeiro dia, após a viagem entre os aeroportos do Porto, Frankfurt e Berlim, ainda tivemos oportunidade de fazer uma visita panorâmica pela actual capital da Alemanha.

Durante a visita a estas três cidades, tivemos sempre acompanhamento de guias locais, que nos iam informando sobre as origens, características e desenvolvimento dessas cidades marcadas ainda por diversos episódios de guerras.

A cidade de Berlim é atravessada por rios e canais, o que contribuiu para o desenvolvimento do comércio, pois permitia um fácil contacto com outras cidades e países da Europa.

O início da cidade situa-se por volta do séc. XIII. No séc. XVII, Berlim florescia, com a dinastia Friederick. Em 1701, Berlim tornara-se capital do reino prussiano, sendo o primeiro rei, Frederico I.

Actualmente, Berlim tem três milhões e meio de habitantes e uma área aproximada de 900 quilómetros quadrados. É uma grande metrópole, vivendo muito da indústria automóvel, do comércio e do turismo, sobretudo a partir de 1989, após a queda do muro de Berlim. Na arquitectura urbana, verifica-se que há uma mistura de edifícios modernos e antigos, muitos destes com as cicatrizes da última Grande Guerra.

No dia seguinte, continuou-se a visita à cidade, com passagem pelas grandes avenidas, como por exemplo, a Unter den Linden (“Debaixo das

Tílias”), traçada no séc. XVII por Frederico Guilherme II, ladeada de monumentos, a Alexanderplatz e ainda, visita ao campo de concentração de Sachsenhausen, construído pelos nazis durante a Segunda Guerra Mundial. Como não poderia deixar de ser, a observação dos restos do famoso muro de Berlim, da Porta de Bradenburg e Memorial do Holocausto.

No terceiro dia, sábado, partiu-se em direcção a Dresden, belíssima e monumental, quase toda reconstruída, como uma Fénix renascida das cinzas da guerra. Visita ao Palácio Real de Dresden e observação de alguns dos seus tesouros.

O domingo foi dedicado à Ilha dos Museus. Está situada nos afluentes do rio Soree. Aqui, visitámos 2 dos 6 museus deste peculiar espaço dedicado à Arte e à História, em estilo neoclássico: o Museu de Pergamo e o Museu Egípcio. Neste, encontra-se o belíssimo e bem conservado busto de Nefertiti (c. 1380 - 1345 a.C.), rainha da XVIII dinastia do Antigo Egipto, esposa principal do faraó Amen-hotep IV, mais conhecido como Akhenaton.

No último dia, houve tempo para várias e interessantes visitas: à verdejante cidade de Potsdam, ao Palácio de Cecilienhof, onde se realizou a histórica “Conferência de Potsdam” e ao Palácio de Sanssouci, residência predilecta de Frederico II, o grande imperador da Prússia.

Ao fim da tarde de segunda-feira, regressámos, rumo ao Porto, sem qualquer incidente, já passava da meia-noite.

Nota: Neste breve relato de viagem, apenas se refere o que acho essencial, por condicionalismos de espaço.

G. Manangão





O Afecto – alimento da vida

Ruínas

Cada vez mais

o peso do luar inquieta as pedras
acorda dores.

Envelhecida

a casa

esconde uma promiscuidade de ruídos
nas fissuras do seu corpo.

Quem consegue traduzir o vernáculo
da solidão?

sacudir o lençol de pó pendurado
nas silvas?

Cada vez mais

pelas portas sem trinco
ofegante o tempo passa
um origami de sombras
obscurecendo lembranças.

Quem ousa procurar entre urtigas
a gramática do amor?

converter em sinfonia
o ocasional gorjear dos pássaros?

Cada vez menos

a sombra de uma asa
acaricia as pedras.

Helena

O afecto – alimento da vida

Afecto é a ternura que dedicamos às pessoas e o cuidado que colocamos nas situações existenciais. Ter afecto é descentrar-se de si mesmo e sair na direcção do outro, participar da sua existência, deixar-se tocar pela história da sua vida. É marcar o outro, não pelas sensações que produz nele, mas,

sim, pelo amor, pelo apreço da sua diferença e pela valorização da sua vida. Ora, daqui resulta que ter afecto por alguém é uma prática livre de angústias, de procura de vantagens e de dominação. É como que o desejo profundo de compartilhar caminhos, ou seja, de fazer meus os sentimentos de angústia e de alegria do outro. É possuir o *esprit de finesse*, de sensibilidade, de cuidado, de ternura, muito diferente do *esprit de géometrie*, calculista, interessado na eficácia e no poder, nas palavras de Blaise Pascal (1623-1662).

A necessidade de afecto é uma constante de todos os seres vivos. Senão vejamos: como é que reage o fiel cão quando vê o dono? Ladra, lambe-o, salta, corre... Que atitudes toma o gatinho quando quer dormir uma soneca? Aninha-se no sofá junto do dono, deixa-se acarinhar e faz *ronrons* de satisfação. Das plantas, diz-se que gostam que conversem com elas, que arrebitem quando se sentem amadas. No que diz respeito aos humanos, como é bom sentirmos que somos importantes para os outros, que merecemos os seus cuidados, que eles se lembram de nós!

Sentir um afago, uma carícia, é termos a certeza de que nos querem, pois o afecto não existe sem ternura, sem o cuidado. Na verdade, tal como a estrela precisa da aura para brilhar, também o afecto precisa da carícia para sobreviver. Carícia da pele, das mãos, da face, do cabelo, do nariz, dos ombros, da intimidade sexual. Mas é a qualidade da carícia que impede o afecto de ser falso, duvidoso ou mentiroso. As mãos, que tocam, afagam, acalentam, estabelecem relação, acalmam, podemos dizer, são *pessoas humanas* que se dão carinhosamente.

Todavia, a vida, no seu percurso, vai operando em nós transformações que, ora nos endurecem no que diz respeito aos afectos, ora nos amolecem, tornando-nos cada vez mais dependentes deles. E, se é certo que cada ser humano tem uma idiossincrasia muito própria, atrevo-me a dizer que o afecto é o ingrediente mais salutar e mais miraculoso na vida da pessoa.

Jesus Cristo, em meu entender, foi um modelo na utilização dos afectos. Através do toque das mãos, curou cegos, leprosos, salvou Pedro de naufragar. Das mãos da hemorroíssa, recebeu o sinal do seu pedido e das mãos de Madalena a carícia traduzida no arrependimento.

Resumindo: a ternura, a carícia, a cordialidade, o afecto é que garantem a humanidade dos seres humanos que, através destes modos de ser, realizam a sua *autopoiese*, a sua autoconstrução histórica. Doutro modo: a ternura e o afecto alimentam a vida.

Maria Cacilda Marado





A Palavra

Quis encontrar a frase
 Que pudesse dizer
 O que me vai na alma
 E no meu coração.
 Pensei com toda a calma,
 Consultei a Razão,
 Entrei numa floresta de Palavras
 E lá fiquei perdida
 Naquele labirinto
 Sem encontrar saída.
 Procurei, procurei,
 Mas quando sem esp'rança
 Eu ia desistir,
 Eis que a palavra achei:
 Tão simples, pequenina,
 Quatro letras apenas,
 Irradiando luz,
 Espalhando calor.
 A Palavra é AMOR!

Maria Celeste

Estrela Rainha

A minha estrela rainha
 É brilhante e reluzente!
 À noite, da minha janela
 Vou olhá-la...
 Conto-lhe os meus segredos
 Porque é amiga e confidente!...

Uma noite de luar
 Tinha um segredo a contar
 Mas não vi a minha estrela!
 Onde andar? Eu sei lá...
 Bem longe, muito longe
 Tão longe que não a posso olhar!...

Foi uma longa viagem...
 E num lindo luar de Agosto
 Qual não foi o meu espanto
 Num ápice apareceu!
 Cintilava e brilhava ainda mais
 Seu brilho era uma mensagem!...

Essa estrela especial
 Era uma linda criança desprotegida!
 Às vezes ficava escondida
 Bem longe e bem perto de nós...
 Ignorada, maltratada, com fome
 Sem afecto, sem ninguém e sem guarida!...

Isabel Maria

É sempre assim, meu amor

Quando sei que talvez te encontre
 Os dias ficam com outra luz
 As estrelas cintilam de alegria
 O céu comove-se num abraço de carinho
 As árvores emolduram-se de ramos que
 Agitando os seus braços
 Me levam com eles na procura de afagos
 Tudo me dá razões para viver
 Os desencantos transformam-se em realizações com
 sentido
 O negro é um doce emoldurar das mágoas curadas
 repentinamente
 Os sorrisos, os vislumbres de surpresas, a doçura das
 palavras, os afectos
 São ingredientes que se ajeitam para dar glória ao
 amor
 Vivido hora a hora, minuto a minuto até ao encontro
 Uma espera longa mastigada com ansiedade até ao
 último momento
 Como o tempo fala, meu Deus
 Os minutos pesam, os segundos também
 Depois vem o encontro
 Sonhado, arquitectado, fugidio
 O enlevo de quando foi prospectado esvai-se,
 desmorona-se
 As palavras negam-se a respirar, aninhando-se na
 indecisão
 No pudor de se mostrarem
 E com elas o amor que sinto por ti
 O tempo foge, corre e quer levar-me com ele
 Mas desta vez tu tens de saber, eu tenho de te dizer
 Fecho os olhos e, pausadamente, digo: a/mo/te
 Vencida a batalha espero a tua reacção em silêncio
 As palavras não se mostram, os afectos estão
 envergonhados
 Dorido e expectante é assim este amor vivido a solo.

Mercury

O Afecto – Alimento da Vida

Ao querermos compreender e desenvolver a expressão
 “O Afecto – Alimento da Vida”, deparamo-nos, em
 primeiro lugar, com a necessidade de conhecer outros
 eventuais significados do substantivo, ou nome
 abstracto masculino singular afecto.
 Uma consulta ao dicionário dá-nos os sentidos
 possíveis do referido nome como, por exemplo,
 afeição, amizade, amor, carinho, inclinação, que
 também podem ser sinónimos entre si, continuando a
 pertencer ao subgrupo dos substantivos abstractos.





Como a imaginação humana é ilimitada, também, e a partir destes últimos, podemos encontrar outros, que poderão pertencer ao mesmo campo semântico.

Para o trabalho que queremos elaborar, bastam-nos os vocábulos que acima referimos, tentando verificar como eles contribuem para alimentar a vida.

Começemos então pelo nome amizade: ele remete-nos para a simpatia, para a dedicação, para a atracção que nutrimos por certa e determinada pessoa ou coisa.

Quando falamos de amor, imediatamente pensamos no objecto dos nossos desejos, envolvendo-nos sentimentos que podem ser ou de empatia ou de carinho pela coisa apetecida.

Assim como o nome carinho já se encontra envolvido no conceito de amor, afeição e amizade também estão presentes no cuidado extremo, no afago, no mimo que damos a uma pessoa, a um animal da nossa predilecção ou mesmo a um objecto do qual gostamos muito.

Por último, o nome inclinação admite duas espécies distintas de significado: a primeira, com carácter objectivo, tem a ver com a relação existente entre a posição de desvio, de aproximação, de afastamento, de obliquidade, de perpendicularidade, etc, conceitos mais ligados à geometria; a segunda, a que mais nos interessa para o nosso trabalho, com a subjectividade relaciona-se com a propensão, com a tendência, com a vocação para a coisa ou pessoa de quem se gosta ou com quem se simpatiza.

Portanto, a palavra afecto é constituída no seu âmago, por amor, carinho, amizade ou inclinação; como estas últimas, também possuem nos seus íntimos aquela, completam-se mutuamente para oferecer conceitos tão do agrado e bem-estar da Humanidade.

E, se a sociedade actual se encontra tão carente de afecto, ou seja, tão desejosa de amor, de carinho, de inclinação, então, nada melhor do que procurar este alimento para o espírito, recheando-o com uma boa dose de afecto porque o afecto é o alimento da vida.

Licínio Amador



Afecto

É pela mão da criança que acaricia,
Do olhar sensível que compreende e ajuda,
Do sorriso meigo que alivia,
Da palavra suave que embala,
Que o carinho afaga,
Ajudando a superar carências;
Que a confiança consola,
Incentivando à esperança;
Que a amizade, na sua incondicional afeição,
Impele à perseverança,
Mas também à compreensão e tolerância;
Que o amor, sublime, mágico,
Transforma e encanta com a sua dedicação;
Que a saudade ternamente,
Recorda todos os momentos...
Tudo isto, são sentimentos que a vida carece,
Para ser plenamente vivida como merece!

Conceição Neiva

Abandono

Que mundo será este!
Em que se abandonam por maldade
As crianças e os idosos
E se apagam as estrelas
Que guiam a humanidade!...

Que mundo será este!
Apetece-me chorar de dor
E ter vergonha dos homens
Que deviam esconder a cara
E morrer de tanto horror!...

Que mundo será este!
Abandonar por seu querer
Aquilo que tanto amamos
E faz parte do nosso ser!
Mesmo aquela flor tão bela
No meu jardim quer viver!...

Que mundo será este!
Tenho mágoa dos que sofrem
Este abandono cruel!
É um sinal de fraqueza,
Chega mesmo a sufocar
E tem o sabor a fel!...

Isabel Maria



Será que o afecto pode mudar uma vida?

Há duas ou três semanas atrás, estava eu a conversar com uma amiga sobre o valor dos afectos na nossa vida, quando ela me contou algo muito bonito. A irmã dela, que é professora, pediu aos seus alunos de oito anos para fazerem uma composição sobre um sonho que eles gostariam de ver realizado. Ao corrigir os trabalhos, verificou que quase todos eles desejavam receber play-stations, MP3, consolas ou telemóveis última geração. Uns quantos queriam visitar a Disneylandia ou ter férias num lugar longínquo, e houve também quem quisesse acertar no euromilhões e fazer depois uma viagem à volta do mundo. Mas havia um menino que tinha escrito algo muito diferente. Ele só desejava, para que a sua família fosse inteiramente feliz, que o pai arranjasse um emprego.

É claro que a professora chamou o seu aluno e falou com ele a respeito do seu desejo, pedindo-lhe para dizer à mãe que gostaria muito de falar com ela. A mãe do menino foi à escola e confirmou que ele se preocupava muito com o facto de o pai não ter um trabalho. Qual era a profissão dele, perguntou a professora. Era carpinteiro, já tinha ido a muitas entrevistas, mas nunca o chamavam. Gerou-se um movimento de solidariedade daquela professora e de todos os seus amigos, para conseguir um trabalho para o pai do menino. Todos tentaram socorrer-se dos seus conhecimentos numa tentativa de ajudar um desempregado a ter de volta a sua dignidade como homem e como chefe de família.

Este menino deu uma lição de afecto e de amor tão especial, que me fez reflectir sobre os valores da vida. Enquanto os outros meninos, que provavelmente já têm tudo ou quase tudo, mas ainda querem mais, somente para satisfazer o seu ego, aquele menino só queria o que de mais justo se pode desejar numa sociedade humana e equitativa – um trabalho para o seu pai! Também a professora manifestou os sentimentos mais nobres, colocando-os ao serviço do amor ao próximo.

Soube há poucos dias que o pai do menino já conseguiu um emprego numa empresa de construção de um amigo da irmã da professora e que o menino ficou tão feliz, que, no dia seguinte, apareceu na escola com um ramo de lindas flores silvestres, que ofereceu à professora, beijando-a na face eternamente reconhecido e com os olhos marejados de lágrimas. Pode ou não o afecto mudar uma vida?

Da vossa companheira Elisabeth com afecto!



Sabedoria (Dedicado à minha Mãe)

Sabia
espalhar o estrume,
cavar a terra,
lançar a semente.
Regava o milho,
colhia a espiga,
armazenava o grão.
Mas não sabia... quem foi D. Dinis.

Sabia
apanhar a erva,
ordenhar as vacas,
salgar o porco.
Peneirava a farinha,
tendia a massa,
cozia o pão.
Mas não conhecia... a padeira de Aljubarrota.

Sabia
caiar a casa,
varrer o chão,
pontear a roupa.
Punha flores na jarra,
pregava um botão,
vestia-se lavada.
Mas não sabia... escrever a palavra Mulher.

Sabia
preparar um remédio,
esconder uma angústia,
rezar uma oração.
Penteava os filhos,
aconchegava-lhes a cama,
não comia para lhes dar.
Mas não sabia... ler a palavra Mãe.

Domingos Cardoso

O Afecto – alimento da vida

O afecto é um sentimento de apego a alguém ou alguma coisa, que gera carinho, confiança, amizade, intimidade, amor, saudade (quando o objecto desse sentimento está ausente ou até faz parte dum passado distante).

Todo o ser, desde que nasce, sente-o, e continua a precisar dele, enquanto criança e adolescente, para poder crescer e evoluir física e psicologicamente saudável, e ter relações afectivas equilibradas em adulto. Com ele sente-se realizado e feliz.

Há, no entanto, pessoas com dificuldade em exteriorizar os seus sentimentos e, por isso, transmitir



afecto e, até mesmo, em recebê-lo. Não significa, porém, que consigam prescindir dele, pois é fundamental para a auto-estima de todos (principalmente jovens e idosos).

Assim, parece lógico pensar que os que tiverem boas relações de carinho, amor, sejam impulsionados a retribuí-los.

Mas será mesmo isso que acontece actualmente? E os casos de solidão que surgem por todo o lado, principalmente de idosos?

Parece haver uma lacuna na educação de algumas crianças e jovens, que se comportam com egoísmo, indiferença, preconceito, perante situações, até no limite extremo, e mesmo nas relações entre eles. Será falta de tempo dos pais e educadores para lhes transmitirem valores como carinho, abnegação no relacionamento com os mais carenciados, não só de bens materiais mas também de afecto, respeito devido às pessoas de mais idade, assim como tolerância para com as diferenças? Possivelmente o problema já vem de trás e eles também não receberam esses valores.

Não há dúvida que o nível de evolução da sociedade evidencia-se pelo apoio e protecção aos jovens, atenção a possíveis sinais de violência e ainda consideração e afecto para com os seus idosos.

Ninguém consegue “sentir-se vivo” sem afecto, pois este é o alimento da vida e alento da alma!

Conceição Neiva

Escrita Criativa

Maresia

Caminhamos na praia, mãos unidas.
 Junto de nós caminham as palavras,
 Porém, não são ouvidas:
 Estão nas janelas dos olhos
 E no silêncio dos nossos corações.
 Dizem muito sem falar
 E aquecem sem queimar...
 Caminhamos na praia,
 Meu braço no teu braço.
 Ao longe, pelo espaço,
 Um voo de gaivotas risca o ar...
 O sol poente
 Incendeia as janelas do olhar
 E eu vejo as palavras a saltar
 Enchendo as nossas almas
 De amor e alegria.
 É doce como o mel o seu aroma
 E forte como o cheiro a maresia!

Maria Celeste

A chuva a seu tempo

Algumas nuvens pavoneavam-se bem alto, vindas em turismo, de muito longe, apenas para nos visitar em seu recreio e lazer, e até pareciam acenar promessas de que a chuva ia chegar, o que já não acontecia há muito tempo. O diminuído viço do “renovo” já exibía, em várias culturas, a notória falta da liquidez da água para se dessedentar. Os agricultores estavam justificadamente preocupados, inventando várias razões para a anormal escassez da água nos charcos, nas nascentes e nas ribeiras. Tanto cuidado e trabalho na sementeira, na adubação, na monda e a água a minguar em todo o lado, a pre-annunciar uma má colheita dos produtos das culturas de regadio. A colheita do sequeiro havia sido a habitual, com as geadas a afectarem a produtividade.

Parecia que a natureza se desconcertara, com o rodar dos tempos, talvez por cansaço, ou alguma mão, a ela estranha, andava a intervir na essência do seu percurso.

Até as giestas, naquele ano, haviam florido muito mais cedo, coagidas pelo estímulo de uma vaga de calor que viera do deserto africano e que, talvez, enamorada pelas belezas das nossas terras, se deixara agarrar e ameaçava continuar. Até as giestas negrais já haviam formado a vagem, que ostentavam com vaidade na aridez e secura dos campos.

As aves, durante o dia, refugiavam-se nas árvores das hortas ou nos salgueiros, freixos e amieiros dos terrenos de pastagem, onde a temperatura era mais fresca. E quedavam-se na modorra, escudando-se numa falsa letargia para que se ignorasse a sua presença.

O calor desmesurado e a falta da água passou a preocupar novos e velhos, residentes na povoação.

As pessoas, nos seus encontros, infalivelmente resvalavam nas palavras para comentários sobre o tempo e o seu calor excessivo que tão prolongadamente se fazia sentir, como se as cabeças, também elas, por falta de humidade, indiciassem estiolar com perda de imaginação e da veia criativa.

A preocupação inicial, de alguns, generalizou-se e ameaçava ser doentia obsessão. Não chovia há muito tempo e não se sabia quando iria acontecer. De nada valiam as consultas a agendas com prognósticos meteorológicos e calendários *Borda D'Água*.

Alguns lembravam costumes antigos, já perdidos e que, “in extremis” desejavam ressuscitar. Fazer um arraial a agraciar a lua nova, para que exercesse as suas astrais influências e as nuvens, prenhes de água, alinhasses trovejar.

Outros, mais estóicos, resignavam-se à falta de chuva e à escassez da água como castigo dos males do nosso





tempo, de se ir estouvadamente à lua ou de, abusivamente, se pretender intervir na rota dos planetas.

Mas havia outros mais crentes na intercessão dos santos, que recomendavam a procissão pelas ruas da aldeia, invocando, numa ladainha cantada, a influência de todos os santos, para que, nos termos devidos e locais próprios, fizessem as diligências necessárias à vinda de chuva de modo a que regasse os campos e alimentasse as nascentes.

E, então, zelosos mordomos, convencidos da justeza da opinião, foram falar com o velho padre da freguesia para que, não obstante o evidente interesse material dos peticionários, a procissão se fizesse, com cânticos e preces, invocando os santos para a vinda de chuva, bem caída e em abundância...

- Sr. Padre, estamos preocupados. Há muito que não chove, o tempo anda e continua muito quente, o povo está aflito com a escassez da água e teme-se que as culturas deste ano se percam. Poderia ordenar que se fizesse uma procissão e a chuva viesse?

- Oh rapazes, quereis a procissão, pois sim, vamos lá, vamos lá. Quereis chuva, vamos lá, mas olhai que não é tempo dela.

J. Carreto Lages

Um tostãozinho pr'ó Stº António

Amigos!

A hora é grave

'Stou triste,

Desesperado!

Esmolinhas?

Acabaram.

Os peixes?

Já emigraram.

As fontes?

Todas secaram.

E p'ra aumentar

A crise,

Pior a cada momento,

Há crise

No casamento.

'Stou triste,

Desesperado.

Sou mais um

Desempregado!

E tenho habilitações!

Sou Doutor,

Sou Doutorado,

Tenho Mestrado

Em Sermões.

Estive em Itália,

Emigrado.

Espalhei por meio mundo,

Com trabalho

E muito Amor,

A Doutrina

Do Senhor.

'Inda sei

Consertar bilhas

E usar os cinco sentidos

P'ra procurar,

Com sucesso,

Os objectos perdidos.

O Menino

Não diz nada.

Já só tem um olhar

Triste

E o sorriso apagado.

Isso é que me faz sentir

Triste e amargurado.

Agora sou eu que peço.

Posso convosco contar?

Preciso urgentemente

De um lugar

P'ra trabalhar.

Se não for

O vosso amor,

O favor da vossa graça,

Só tenho uma solução:

Tiro o Menino do colo,

Estendo, humilde,

A minha mão,

Cruzo as pernas

No chão,

Vou pedir

Na Ponte Praça.

Esmeralda

O vestido azul-turquesa

Zeza pára junto de uma montra. Roupa de criança apenas, nada que lhe interesse naquele momento. E no entanto, à revelia da sua vontade, uma imagem se impõe, vinda das funduras da memória: a menina





imóvel em frente do espelho, a modista de joelhos tentando acertar a roda da saia. Recorda-se com surpreendente clareza de cada minúcia do vestido: as pequenas mangas entufadas, o laçarote apertando a cintura, os botões entre folhos e nervuras. Como D. Miquelina dizia, tirando os alfinetes da boca e sorrindo: *Que bonito! Parece feito para um anjo*. Todas as noites, às escuras, a menina abria o roupeiro, afagava o tafetá azul-turquesa e, fascinada, sentia na garganta um voo de pássaro. Mas logo as palavras da mãe vinham certas abalroar o sonho: *É só para estrear no dia do exame*. Duas semanas inteirinhas ansiosamente riscando números no calendário. De que mês? Junho? Julho? Na data prevista...

De olhos fechados, Zeza vai pelo tempo fora à procura dos factos e das emoções. Consegue recordar-se de vômitos, de suores frios, de ter dificuldade em desenhar as ideias. Toda a família cooperante, aparicando. Depois surge a imagem de uma ampla sala de aula, as carteiras militarmente alinhadas e, de frente para a porta, o quadro preto como um olho hostil cravado nos alunos que entravam. Ali está o seu corpo de dez anos, vestido de tafetá azul-turquesa, respondendo à chamada. Uma menina tímida a contas com a responsabilidade do seu primeiro exame. O medo irá golpear-lhe a memória. Então será o caos: nomes de rios ensarilhando nomes de batalhas; dinastias inteiras de pernas para o ar; regras gramaticais pontapeando as frases; problemas com comboios que se cruzam e se descruzam sem atinarem com o horário. Tudo anarquicamente à deriva. As mãos chorando sobre a folha em branco. Chorando sobre o tafetá azul-turquesa.

Antes que as lembranças fujam ao seu controlo e desçam à raiz das emoções, Zeza afasta-se da montra. Ela conhece bem o desfecho da história. Ultrapassado o pânico inicial, o exame acabou por ser um êxito. Recebeu muitos beijos, prendas, e no jantar festivo empanturrou-se de papos-de-anjo à sobremesa. Mas completamente inutilizado ficara, logo no primeiro dia de provas, o lindo vestido azul-turquesa: manchas de suor, pingos de tinta, folhinhos murchos. O destroço de um sonho. Nunca houve, pois, qualquer tipo de bailado celestial em frente do espelho, nem carícias de tafetá sobre a pele. A mãe ralhou, acusando-a de desleixo. Um verdadeiro anjo não se teria emporcalhado daquela maneira. Qual anjo! Ela queria lá ser anjo! O que na altura a fascinava era simplesmente poder vestir-se de céu... ou de mar... ou de flor.

Helena

Crepúsculo

Idade de sombras e silêncios
quando as palavras
chegam de longe
envelhecidas, cobertas de pó,
e desfalecem de cansaço
em nossas bocas.

Tempo crepuscular
quando os gestos perdem a memória
e
devagar
devagar
os pensamentos escorrem
como gotas de chuva
pelo beiral das horas.

Helena

Algumas reflexões éticas da vida

A ética poderá definir-se, entre muitas outras formas, como "modo de acção do homem, subordinada ao respeito e orientada para o bem". Ela é assim multifacetada e inerente a um saber pluridisciplinar que, embora não dogmático, a todos diz respeito. Se diz respeito a todos, todos a devem ter como modo de conduta para as acções do momento ou do dia-a-dia bem como nas previsões das atitudes a tomar num futuro mais ou menos distante.

Quando somos novos, temos a verdade toda dentro de nós e até o jovem de 4 ou 5 anos já diz "eu é que sabo" e a mãe ou o pai são uns "cotas" (neologismo de depreciação quanto às capacidades de resolução). É a idade dos impulsos. Com o decorrer dos anos, vêm as ponderações, fruto de reflexões, mais ajustadas, para as decisões subordinadas à ética, a tomar diariamente. Estas, contudo, com o decorrer da idade, vão-se tornando por vezes obsessivas, sem o acompanhamento do devido espírito crítico e as resoluções, para como actuar, transformam-se em indecisões.

Por outro lado, e muitas vezes, concomitantemente, a autonomia vai diminuindo e já não há capacidade de determinação - deixa de haver opiniões próprias. Já se pede ajuda para as coisas da vida comum, especialmente àqueles que nos são mais chegados - familiares ou pessoas da nossa intimidade, nas quais confiamos plenamente.

A autonomia, conceito que vem dos filósofos gregos, foi muito desenvolvida por Emanuel Kant e acompanhada no iluminismo do fim dos séculos





XVIII e XIX, tornou o homem mais “dono de si”, impondo mais a sua vontade quanto às resoluções de efeito imediato e até às suas manifestações diferidas de vontade. Esta nova leitura do modo de impor a autonomia tem sido mais paradigmática na cultura anglo-saxónica, em contra-ponto com a beneficência, com a entre-ajuda, criada no espírito dos latinos oriunda da cultura judaico-cristã.

Por estas razões, desde o terceiro quartel do século XX, tem-se desenvolvido muito, com origem nos Estados Unidos, o conceito de manifestação antecipada de vontade, para a tomada de decisões quanto ao seu fim de vida. Estão em discussão, na actualidade, as manifestações antecipadas de vontade, especialmente quanto ao que qualquer de nós não quer que lhe façam quando não tiver capacidade de decisão.

A nossa Directora do Ecos não pretende mais do que uma página de reflexões ou 400 palavras, pelo que ficamos por aqui e voltaremos para a próxima se os leitores assim o entenderem.

*Amorim Figueiredo
(Coisas da Ética)*

Recortes do Dia

Só
Rato amarelento duma cidade
de Província
Lisonjeado pela sociedade dita burguesa
(e eu a querer sentir-me distante)
A desdenhar de mim próprio
Eis o ponto ideal
Para fazer o meu periódico poema.
Recostado nos pequenos problemas
Da dialéctica de existir
Aqui
Faço *pró-fundos* poemas pessoais
Cujo destino é a gaveta
Mesmo que passem por um ou outro
Amigo.
Porém eu continuo
A não ser um poeta (?) para o povo
Escrevo no café dos dias
E a pertencer a esta classe média
De reformados
De gostos Ponderados
De força média
De metades entre ciclos velhos e novos
De situação mediana
Nem abastança nem pobreza
De média decisão entre o ir e ficar.
Apenas consegui um pouco
Para uma vida diferente

Com aqueles, ao longo da vida,
De prática proletária.
Aprendi a esperar matreiramente
O instante das leis da história
E da medida da posse destas pelo homem.
Sobre isso, aliás, não foi muito esforço.
Membro da classe média que sou
Ou será que estou mesmo velho ?
Talvez apenas tivesse adquirido
Um melhor sentido – activo – de esperar.
Da lição de agir quase nada sei
Sem a força desses mestres nada conseguia
Fraco aluno... que fui e sou.
Pensava ainda que me podia agarrar
Talvez a alguns trunfos pessoais
Que figuram no património de cada um
Mas bastou um daqueles fins-de-semana (muitos)
parados,
De olhos a rever
E tudo a fugir-me por entre os dedos
Para constatar que (quase) nada avancei.
Nu perante este vácuo frio e seco
Julgava-me coberto pelo trunfo do conhecimento
Mas nada mais há
Que uma teia desgarrada
A tapar o infinito
E contra esta angustiante boca aberta
A desafiar sempre
Apenas nos temos uns aos outros.
Estou intoxicado
Em termos de limpidez de pensar e viver
Será isto a que chamamos de amadurecimento?
E será fácil agora
A minha classe média
Sentir-se algo mais claro
Que esta mistura
Confusa de ideias sentimentos correntes?
Sim porque no meio os espigões são médios...
Preciso de uns golos de arte
Para me ajudar a enfrentar
A crueza das horas.
Eu não consigo aguentar
Muito tempo em batalha só
Mas que arte será esta?
Apenas arrancada a tardes e noites
A muitas letras lidas
Sons estereofónicos
Espectáculos progressistas
Depois de dias e dias pardos
No cansaço nas corridas
Com rascunhos de algumas ideias.
Arte rotineira manga de alpaca
A tentar ultrapassar o quotidiano.

Sourtom





Aposta Ganha

Chegavam sempre juntos, depois de almoço. Ele, solteiro, jovem filósofo, bem apessoado, com um livro de capas grossas, já amarelecidas e ela com um cãozinho e um saco com adorno de flores. Ao vê-los juntos, dir-se-iam irmãos ou namorados.

No entanto, ao entrarem na pastelaria, cada um se dirigia à sua mesa, situadas em campos quase opostos.

Ele, próximo do balcão onde se encontrava a máquina registadora; ela, mais junto à ligeira passagem que dava acesso às casas de banho.

Na máquina, para cobranças, encontrava-se, com ligeiros intervalos, quase sempre a Isabel, embora, quando o número de clientes o permitia, também se dirigisse ao espaço destinado à prestação dos serviços da pastelaria para, aí, ter alguma atenção especial com os consumidores.

A Isabel era uma jovem que, não obstante ter frequentado o ensino oficial e até o colégio, até ao 12º ano, não conseguira ter acesso ao curso universitário de Psicologia. Já a irmã, Ana, com uns anos a mais que ela, conseguira, com sucesso, ingressar no curso de engenharia da respectiva Faculdade. E se a Ana, na Faculdade, pela sua exótica beleza era motivo de olhares de jovens que prometiam apaixonar-se, a Isabel vivia, sob contínua intranquilidade do pai, pois dada a sua elegância e beleza, dir-se-ia que a irmã, a seu lado, seria um seu apressado esboço.

Não admirava que grande parte da jovem clientela masculina da pastelaria se devia àquela beleza, permanentemente exposta, que mexia com o erotismo de qualquer cabeça, mesmo que educada em elevado ascetismo místico, por mais conservadora que fosse.

As formas esbeltas, as cores do seu rosto, o seu jeito de falar, e os seus graciosos movimentos evidenciavam uma excelente saúde do corpo e do espírito.

Por isso, o pai, se por um lado se orgulhava dos reiterados e sinceros galanteios debitados diariamente pelos clientes amigos, por outro lado vivia em contínuo sobressalto sobre a hora em que se revelasse a escolha do pretendente a seu futuro genro. A pastelaria facturava muito bem pela qualidade do serviço, não só pelos artigos comercializados, mas também pela gentileza das pessoas que serviam, onde sobressaía, como isco, a menina da caixa registadora.

Ela e ele, que chegavam após o almoço e à mesma hora, haviam negociado uma aposta, em que ela defendia que ele não teria “argumentos” suficientes

para que a Isabel, dentro de um mês, viesse a aceitá-lo como namorado.

Feita a aposta, começou ele a ter atitudes de notória intromissão na esfera pessoal da Isabel. Era a escolha do momento de solicitar o atendimento; era o olhar, que, embora discreto, pousava repetidamente nos movimentos dela, era a forma de lhe agradecer o prazer de o servir com a amabilidade de sempre, era a afirmação sugerida de que podia e devia dar melhor e mais divertida ocupação à sua juventude e beleza.

Embora, de início, os gestos e palavras não lhe parecessem mais que galanteios de ocasionais clientes, a sua confirmada repetição levou-a a perguntar-se se não haveria alternativa à sua ocupação da juventude para melhor desfrutar a vida.

Passou, por isso, de algum modo, a ser melhor ouvinte das sugestões que ele repetidamente lhe fazia e a desejar que aquela hora, após o almoço, chegasse depressa, o que foi apercebido pelo pai da Isabel.

Um dia, apercebendo-se do sorriso que ia da mesa dele à máquina registadora da Isabel, e vice-versa, decidiu o pai, sem nada dizer à filha, impedir a estadia daquele pretendente na pastelaria. Convidou-o, por isso, a que deixasse o estabelecimento e saísse, porque não queria ver mais a permuta de sorrisos com a filha.

Defendeu o jovem cliente que a pastelaria é um lugar de livre acesso e que, gostando de desfrutar do local, não sairia.

Incapacitado, perante a argumentação, o dono da pastelaria chamou ao local uma patrulha da polícia para que a sua vontade fosse acatada.

Porém, a polícia, confirmando que o estabelecimento era de acesso livre, e sabendo que o cliente não cometera qualquer falta, decidiu a permissão da estadia do jovem no local, consentindo que aquele sorriso não se viesse a perder.

Felizmente,... a aposta foi ganha.

J. Carreto Lages

Postal da Neta Joana

Querido Avô

Hoje estou muito contente porque consegui acertar um problema que o meu irmão que anda no nono ano me mostrou e que lhe calhou num exame e para o acertar tive que contar até oito e como já sei contar até cem não tive problema pois davam-lhe oito nomes de planetas creio que é assim que se chamam e depois perguntavam quantos eram na tua escola também fazes exames ou só andas a passear é que o meu irmão anda a estudar numa escola mais a sério que a tua que é para quando for grande saber muito e poder trabalhar a sério eu sei que tu já trabalhaste mas agora podias ajudar mais a avó que tem que fazer quase tudo





em casa ao menos se aprendesses a cozinhar já ajudavas muito mas tenho a certeza que nem sabes como se cozem as cabeças de nabo e as couves e os feijões verdes estou-me a lembrar que no outro dia quando a avó te mandou dar uma volta na sopa para não pegar no fundo tu pegaste na panela e foste dar uma volta pelo pátio com a panela e a avó até meteu as mãos à cabeça pois não sabia o que estavas a fazer e eu até a ouvi dizer que o homem está maluco mas quando tu lhe explicaste ela ficou mais descansada mas disse que estavas a precisar de doutor eu isso não entendi mas ainda não sei porque andaste a passear com a panela da sopa às vezes pareces mesmo tolinho mas eu gosto muito de ti

Joana



A minha prece

Quem me dera ser outra vez criança,
Voltar a viver a vida que vivi,
E agora só existe, na lembrança,
Um mundo donde há muito já parti,

O mundo da infância descuidada,
Dos brinquedos, das récitas infantis,
Dos bibes sujos e da tabuada,
Coisas sérias e risos juvenis...

Agora revivo em cada hora
A infância feliz e, p'la vida fora,
Peço aos céus com todo o ardor

Que às crianças que a meu cargo estão,
Nunca lhes falte em cada dia o pão,
E, mais que o pão, não falte a paz e o amor.

Maria José Valente

Uma Estrela

A noite era linda,
A noite era quente,
Brincava na praia
Feliz e contente.
Brilhavam as conchas,
Brilhavam os búzios,
À luz do luar.
Eu fiz uma cova
Na areia dormente
P'ra dento meter
Todo inteiro o mar!
Eu ia levando a água p'ra lá
Mas sem conseguir.
A água sumia
E a cova ficava de novo vazia.
Minha Mãe olhava,
Olhava e sorria.
Mas eu não cansava e não desistia.
Porém, de repente, caiu uma estrela
Na água parada
Que estava na cova.
- Olha Mãe, que bela!
Brilha intensamente!
Depois fui embora.
Mas, pela vida fora,
Fui sempre sonhando,
Sonhando acordada
E sem desistir
De agarrar os sonhos
Que a vida me dava.
E quando me sinto às vezes cansada
E sem persistência
P'ra continuar,
Recordo essa estrela
Que eu deixei um dia
Na cova da praia
E vejo-a a brilhar!...

Maria Celeste





As nossas leituras

O Príncipezinho de Saint-Exupéry

O Príncipezinho é uma linda história escrita por Antoine Saint-Exupéry, sobre uma personagem fantástica que apareceu ao narrador, quando este tentava concertar a avaria do seu avião, em pleno deserto de África. O primeiro encontro com essa personagem – o príncipezinho - deu-se quando ouviu junto de si uma vozinha mágica pedindo: *desenha-me uma ovelha*.

O príncipezinho gostava de fazer perguntas como todas as crianças e nunca desistia até obter uma resposta, mas, por outro lado, nunca respondia às perguntas que lhe eram feitas.

Mas, aos poucos, o narrador foi sabendo que o príncipezinho vinha de um planeta muito pequenino, e, dadas as suas características, acreditou que se trataria do asteróide B 612. Neste pequeno asteróide, existiam só 3 vulcões, um extinto, e uma bela rosa que o nosso pequeno herói pensava ser única em todo o universo.

Até que um dia resolveu partir à aventura e conhecer outros planetas, onde encontrou várias pessoas grandes, que lhe pareceram muito estranhas, mas uma delas aconselhou-o a visitar a Terra, considerada um planeta com boa reputação.

Foi quando ele caiu em pleno deserto do Sara, em África, onde conheceu algumas criaturas antes de encontrar o nosso narrador. Estabeleceu-se um diálogo muito curioso entre eles, e quando o narrador deu conta estava sem uma gota de água para beber. Transmitiu a sua preocupação ao príncipezinho, pelo que ambos foram em busca de um poço. O menino ficou tão cansado, que acabou por adormecer. Ele era uma criaturinha frágil, pensou o narrador, contudo o que se via era somente a casca, porque a sua essência era o mais importante e essa era completamente invisível.

No dia seguinte, o príncipezinho já não estava no sítio onde tinha adormecido, ficando o narrador com a certeza de que ele tinha regressado ao seu pequeno planeta; mas fez um apelo aos seus leitores, se acaso alguém o visse, lhe mandasse dizer.

Embora o livro seja destinado às crianças, ele tem encantado também os grandes, que são todos aqueles que ainda guardam a criança que existe dentro deles. Estão bem patentes nas páginas da obra o humanismo e a pureza de sentimentos, bem

como o valor dado às coisas simples da vida, pois são elas as mais belas e as que, no fundo, valem realmente a pena.

As várias personagens, que o príncipezinho foi encontrando ao longo da sua aventura, retratam toda a fragilidade humana, desde o viciado e a sua incapacidade de deixar o vício, passando pelo vaidoso, o egoísta, o orgulhoso, o ambicioso, o que se sente incapaz de aderir à inovação e de se adaptar à mudança. Também a instabilidade do ser humano, a sua eterna insatisfação, e a incapacidade de desenvolver a amizade sincera e duradoura são temas focados na obra, dando-nos motivos para uma reflexão profunda após a sua leitura.

A cumplicidade de Saint-Exupéry com as crianças é especial e isso é notório desde o início da obra, quando ele faz a dedicatória ao seu amigo Léon Werth enquanto criança, pois o seu amigo passava fome e frio, já que vivia num país onde havia guerra, o que causa tanto sofrimento e dor (o livro foi escrito em 1943, em plena Segunda Guerra Mundial).

Quase ninguém sabe que Saint-Exupéry fez alguns voos em missão, durante a guerra civil de Espanha, tendo sido um dia capturado e condenado à morte. Sorrindo para o carcereiro pediu-lhe lume para acender o último cigarro. Estabeleceu-se entre eles um diálogo afectuoso e cordial, a ponto de o carcereiro o conduzir para fora da cidade, devolvendo-lhe a liberdade. Saint-Exupéry sobreviveu graças a um sorriso de amizade e de simpatia para alguém que outro qualquer veria como um inimigo, confirmando o que alguém disse um dia - quem quiser vencer na vida deve fazer como os sábios, mesmo com a alma partida, ter um sorriso nos lábios!

Elizabeth

Antoine de Saint- Exupéry

Antoine de Saint-Exupéry nasceu em Lyon, França, em 1900. Célebre aviador e notável escritor dá, nas suas obras, a epopeia dos princípios da aviação comercial.

Após o serviço militar, alistou-se na Aviação como piloto, escrevendo em 1929, o seu primeiro romance com o título “Correio do Sul”.

Em 1931, em Buenos Aires, onde dirigiu a Aviação Postal Argentina, escreveu “Vol de Nuit”, que fala do heroísmo dos primeiros aviadores que, obedecendo a uma disciplina de ferro, estabeleceram o primeiro voo regular entre a França e a América do Sul.

Em 1939 escreveu “Terre des Hommes” uma sucessão de narrativas e contos.

Mobilizado na América, no ano acima referido, Saint-Exupéry publicou três livros, em 1942, “Pilote de





Guerre”, meditação de um combatente durante uma missão inútil e perigosa em cima das tropas alemãs. Este livro foi autorizado pela censura alemã, mas proibido um mês depois, por terminar da seguinte maneira: “Os vencidos devem calar-se. Como as sementes”. O apelo à Resistência estava, nestas palavras, bem evidente, o que explica a sua interdição. Em 1943, apareceram em Nova-York “Carta a um Refém” dedicado à França ocupada e “O Príncipezinho” sobre a arte de civilizar os seres. Nos seus romances, faz uma meditação sobre o sentido da acção heróica do Homem.

Embora tenha atingido o limite de idade, continuou a trabalhar no seu serviço, chefiando várias missões; da última não regressou, a 31 de Julho de 1944. Nunca mais ninguém soube onde o seu avião caiu.

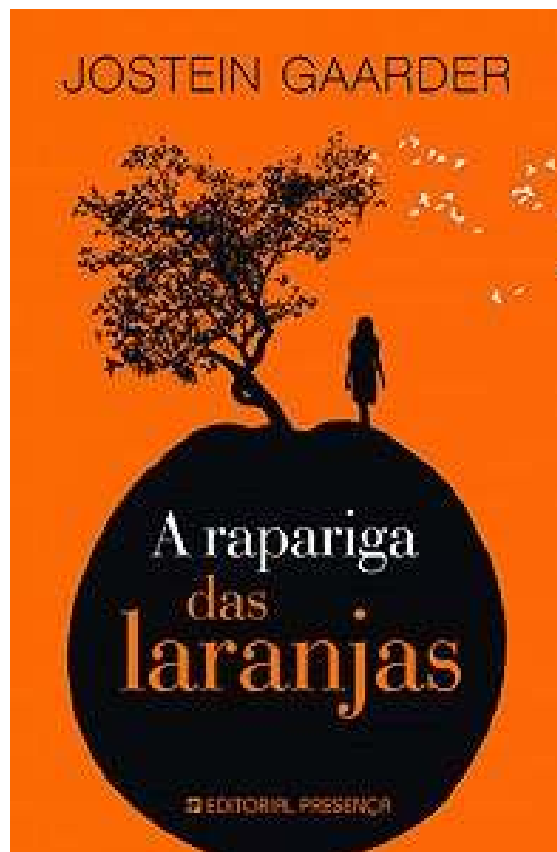
Antoine de Saint-Exupéry ainda nos deixou um grande manuscrito inacabado, intitulado “Citadelle”, cuja ideia fundamental era construir uma cidade de Deus, onde se pudesse realizar totalmente a vocação humana.

Licínio Amador

Poema a Saint-Exupéry

Como vês oh solidão
 Por muito que me tentes
 Não estou só contigo, não.
 Vivo num mundo de gentes
 Que me enchem o coração
 De passados e presentes
 E grito com emoção
 Se te dizes só, mentes
 Além, há sempre alguém!

Cachim



A rapariga das laranjas de Jostein Gaarder

A Rapariga das Laranjas é quase uma história de fadas, de mistério, em que perpassa a magia do improvável que faz as coisas acontecerem, transformando a vida numa cadeia de momentos ligados pela procura incessante do amor.

O texto deixa também no ar a ideia de que o mundo é um milagre feito de pequenos pormenores e de que a vida vale sempre a pena ser vivida.

Neste livro, o sentido mais profundo da continuação da vida material vai para lá dos limites do insondável. O narrador mostra-se tão surpreendido com o mundo terreno que não oferece resistência em acreditar num outro mundo sobrenatural, onde a vida continua seja lá como for.

Repetindo as palavras duma colega da área de Comunicação 1, “este livro é uma doce e sumarenta laranja”.

Manuela Frade





As nossas autoras

Aida Viegas

No dia 28 de Maio, pelas 17h30, no Salão Paroquial de Santo António de Vagos, a nossa academista Aida Viegas apresentou o último livro da sua autoria «Santo António – A Freguesia e o Padroeiro», contando com a presença das entidades locais, familiares e amigos, além de alguns associados da nossa Academia.

Nas próprias palavras de Aida Viegas, a obra apresentada é a expressão da sua gratidão e homenagem a Santo António pelas graças recebidas e um presente ao seu marido Fernando e seus conterrâneos.

Houve ainda um momento cultural abrilhantado pelo grupo folclórico de Vagos e a sessão terminou com um beberete, onde todos os convidados se reuniram para fazer um brinde em honra da escritora e de mais uma obra que veio enriquecer o nosso panorama cultural.

Parabéns, Aida!

Elizabeth



Rosinda, Alvo de Homenagem

Dr^a. Rosinda de Oliveira foi alvo de uma muito justa homenagem na Mamarrosa, terra de muitos dos seus afectos, no dia 04 de Junho, no salão do IEC, que foi pequeno para receber tanta gente amiga e admiradora, por iniciativa do seu Director, Prof. Dr. Arsélio Pato.

A sessão foi preenchida também com o lançamento da sua última obra poética, “À lareira do tempo”.

Homenagem justíssima, com bom e indestrutível fundamento: a comemoração dos 60 anos de escrita e labor intelectual, numa constante preocupação de promoção do outro, nos mais diversos aspectos – formação, informação e cultura, que lhe vem do tempo das primeiras penadas (1953, logo após a conclusão do curso no magistério de Coimbra).

Homenagem a uma mulher de boa ténpera, dada aos sonhos e sacrifícios, a mulher e mãe sempre preocupada com a educação e a valorização dos outros; mulher de carácter e professora que deixou marcas, fazendo do saber a sua grande arma intelectual, com um código de conduta exemplar, rica de humanidade, mas sempre humilde, quase querendo esconder-se de si própria e da criança que ainda lhe mora dentro.

Desde cedo Rosinda começou a escrever. O tema da sua predileção, de sempre, foi a educação. Também claramente o Ensino, onde incluiu inusitadas iniciativas extra-curriculares. A escola primária feminina do Tramagal, onde leccionou, foi considerada exemplo a nível nacional. Não só introduziu o teatro, como os alunos cultivavam a sua horta... Gostaria de “fazer da escola o cantinho alegre e acolhedor que as crianças amassem, para onde corressem, cheias de entusiasmo e onde vivessem o seu dia a dia, num contínuo vai e vem de primaveras sempre em flor” (*Jornal de Abrantes*, de 11 de Junho de 1962).

De resto, o teatro foi outra das suas grandes paixões, valência que procurou agregar às disciplinas que leccionava no Ensino Secundário, depois de concluir, em 1968, o Curso de Pedagógicas na Universidade de Coimbra), o que aconteceu em todas as escolas por onde passou (e também fora desse âmbito), nomeadamente na Escola Afonso de Aveiro.

A propósito dizia que “o teatro podia tornar a escola viva e actuante” (*Diário de Aveiro*, de 16 de Dezembro de 1990).

Rosinda de Oliveira começou por escrever artigos de opinião ou crónicas e tardou em aparecer em livro. Tal desiderato só aconteceu em 2001, por uma série de circunstâncias muito favoráveis e positivas. A Câmara de Oliveira do Bairro vinha editando obras de autores do concelho... Começou então a homenageada a publicar livros de poesia, monografia, livros de ficção para crianças e tem carreado muito material que pode e deve acolher-se em livros onde faça a memória colectiva das coisas e gentes da Mamarrosa. Aliás, Rosinda de Oliveira dá-se por inteiro às coisas e causas em que acredita, com zelo e paixão, com ombro e alma, granjeando assim a





admiração de conterrâneos e colegas de ofício, também discípulos.

Esta dedicação à cultura e promoção cultural e cívica não passou sequer despercebida à Câmara de Oliveira do Bairro, presidida por Dr. Acílio Gala, que em 2005 lhe atribuiu a Medalha de Mérito Pedagógico, Grau Ouro, que lhe foi imposta em sessão solene, presidida pelo Secretário de Estado da Educação, Walter Lemos, em 26 de Agosto de 2005, membro do governo que declarava: “só as melhores comunidades reconhecem os melhores”.

As justificações para a atribuição deste merecido galardão foram “a dedicação exemplar e os relevantes serviços prestados no campo da pedagogia, da cultura”, etc.

Aqui ficam estas poucas linhas, tentando abrir a janela sobre o seu retrato inteiro e sobre o muito que fez e se espera continue a fazer. Também como preito de admiração e amizade.

Armor Pires Mota



Rosinda de Oliveira

Foi no dia 7 de Junho, no salão nobre da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro, que Idália Sá Chaves apresentou o livro mais recente de poesia, *À lareira do tempo*, da autoria da nossa colega. Um momento sublime em que se apreciou o sabor das palavras dos poemas da autora ditos pelos seus amigos. Bem assim, a arte de encadear participações que se seguiram com encanto e poesia. Como que a sublimar os muitos encantos da nossa querida amiga Rosinda.

Área de Comunicação

Agradecimento

AMIGOS:

Já passaram dois anos.

Estamos em tempo de mudança. A nossa equipa vai dar por finda a sua missão.

A Academia não parou e tudo fizemos para que ela crescesse com qualidade de vida e muita alegria proporcionadas aos seus associados. Conseguimos? O julgamento cabe a todos vós. Vamos aguardá-lo com a confiança e a humildade necessárias.

Resta-nos agradecer:

- a quem nos escolheu.
- a quem nos deu sempre um sorriso e um abraço.
- a quem colaborou activamente no nosso trabalho.
- a quem se divertiu connosco.
- a quem nos deu a sua opinião, sincera e construtiva.
- a quem nos criticou, positiva ou negativamente.
- a quem não foi indiferente.

É hora da partida, mas não dizemos adeus. Vamos todos continuar juntos e colaborar para que a nossa Associação seja cada vez melhor e maior.

Viva a Academia!

A Direcção.

